

“OCUPAR PARA RESISTIR”: sociabilidades e resistências no movimento de Ocupação na Câmara dos vereadores de Abaetetuba - PA

Giovane Silva da Silva¹

Alda Cristina Costa²

RESUMO

As narrativas de ocupação e resistência como comunicação dissidente. Esta é a proposta do presente artigo, que busca compreender as sociabilidades estabelecidas pelos sujeitos participantes do movimento, em suas narrativas de resistência e ocupação, na Câmara de Vereadores de Abaetetuba -PA, em novembro de 2016, quando os vereadores do município decidiram aumentar os próprios salários. A aprovação do aumento provocou indignação e revolta da população, e os jovens ligados a entidades políticas, religiosas, estudantis e culturais decidiram ocupar os espaços da Câmara com o objetivo de resistir e protestar contra esse aumento salarial. Embalados pelo lema: “12 mil eu não pago”, os jovens ocupantes provocaram indignação em outras entidades e pequenos comerciantes, estabelecendo um movimento comunicativo de força em Abaetetuba. A partir dessa ação, emergiram narrativas sobre questões políticas de funcionamento dessa casa legislativa, ou seja, o mau uso do dinheiro público, o papel do vereador e o salário recebido pelas funções exercidas. Nesta perspectiva, tomamos essa ocupação como uma relevante comunicação dissidente, em que essa mesma comunicação, nos moldes de Adriano Duarte Rodrigues (2018), é percebida como o conjunto dos sintomas das tensões que caracterizam a relação entre as diferentes modalidades da experiência. Ou então como diz Wainberg (2017), a comunicação dissidente é um tipo especial de discurso persuasivo, que intenciona afetar o clima de opinião pública através de certo tipo de cenas, enquadrando as emoções humanas que expressam a rebeldia e a crítica. Assim, nossa proposta objetiva compreender o sentido de resistência enunciado pelos participantes do movimento na Câmara.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação dissidente; sociabilidades; resistência; ocupação; Câmara de Vereadores de Abaetetuba -PA.

¹ Me. Giovane Silva da Silva, Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom-UFPA). E-mail: giovane.smkt@gmail.com

² Doutora em Ciências Sociais; Mestre em Sociologia; Especialista em Metodologia e Teorias da Comunicação; Graduada em Comunicação Social docente na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom-UFPA). E-mail: aldacristinacosta@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca compreender as interações sociais e sociabilidades estabelecidas num movimento político: A Ocupação na Câmara dos Vereadores de Abaetetuba-Pará. Tudo começou no dia 23 de novembro de 2016. Uma das pautas da sessão daquele dia previa o aumento do salário dos vereadores. O aumento seria de quatro mil reais e iria gerar um custo de mais de um milhão de reais aos cofres públicos do município.

Algumas pessoas que estavam presente na sessão decidiram ocupar a Câmara como forma de protesto e o movimento foi ganhando força e recebeu apoio de outras entidades e instituições como a Pastoral da Juventude, os Centros Acadêmicos da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Instituto Federal de Tecnologia do Pará (IFPA), o Sindicato dos Professores do Estado do Pará (Sintep–Abaetetuba,), além do Ministério Público e policiais militares que garantiram a segurança dos membros da Ocupação.

O mau uso do dinheiro público e a função da casa legislativa de Abaetetuba também foram temas que permearam o movimento. Afinal o aumento salarial é necessário? O poder legislativo pode legislar em benefício dos próprios membros? Qual o verdadeiro papel de um vereador? Esses questionamentos também foram pautas presentes no debate.

A Ocupação reuniu forças de representantes e entidades. Na concepção de Moscovici (2007) as representações nascem, juntam-se enquanto outras morrem ou envelhecem. As representações na Ocupação ganharam força e cresceram ao longo de 14 dias de protesto. Este crescimento aliado a um movimento foi fortalecido por meio dos discursos dos membros da ocupação, na concepção de Wainberg (2017) este é um conceito de comunicação dissidente que: “se propõe a desafiar o senso comum, expressa publicamente o desconforto e a oposição que um ator cultiva a um ou a vários aspectos de certo sistema social, político, cultural, moral, religioso, organizacional e/ou civilizacio” (WAINBERG, 2017, p. 02).

O ato de desafiar o senso comum no movimento de ocupação foi inédito em Abaetetuba, visto que as decisões tomadas pela casa legislativa não costumavam ser contestadas. E assim que a Câmara começou a ser ocupada, uma faixa foi colocada na frente do órgão público para dar visibilidade ao protesto. Essa visibilidade é a própria comunicação, que na concepção de Thompson (1998) “A comunicação é como um tipo distinto



de atividades social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos”. (THOMPSON, 1998,p.25).

A comunicação no movimento de Ocupação na Câmara foi estabelecida por meios de reuniões, atos, interações, sociabilidades. Os discursos fundamentados no ato de protesto e resistência podem ser compreendidos no pensamento de Duarte (2016). “A comunicação desempenha um papel fundamental, enquanto modo de funcionamento dos dispositivos discursivos que têm como objetivo assegurar a cada um dos campos visibilidade pública”. (DUARTE, 2016.p.22). Este conceito nos ajuda a compreender que o movimento da ocupação buscou por meio dos discursos a visibilidade pública. Neste sentido, a comunicação assume um papel importante de propagar a ideia de resistência frente ao poder legislativo de Abaetetuba.

E para construir essa narrativa de resistência o movimento da Ocupação destacava entre os seus membros que o aumento salarial era imoral, pois o município de Abaetetuba possuía muitas necessidades de melhorias no saneamento básico, na saúde e na educação. Logo, durante as reuniões promovidas pelos membros esses discursos persuasivos eram construídos e propagados com a intenção de gerar engajamento. Um discurso em comum foi construído para que outras pessoas abraçassem a causa.

Sodré(1998) ao falar sobre o conceito de comunicação afirma que comunicação é “fazer referência à ação de pôr em comum tudo aquilo que, social, política ou existencialmente não deve permanecer isolado”. (SODRÉ, 1998, p.11)

As redes sociais também desempenharam um papel fundamental no aumento da visibilidade do movimento, por meio da hastag, “12 mil eu não pago”, o movimento ganhou forças e se fortaleceu . Terra (apud CONALGO, 2015, p. 9) afirma que os indivíduos se articulam por meio da rede e elas se baseiam na ideia de “colaboração, cooperação, replicação, fluxo, agilidade, nó, conexões, interação e engajamento."

O presente artigo, buscou, nesta introdução, mostrar a amplitude do protesto de ocupação na Câmara de Abaetetuba, que envolveu um público muito mais diverso e amplo do que se esperava e para se chegar à conclusão do estudo, o trabalho perpassa pela área da comunicação dissidente, representatividade, sociabilidade e interação social, que serão divididas em sessões.

A metodologia deve explicar os processos de aplicação das entrevistas narrativas baseadas na concepção de Jovchelovitch e Bauer (2012), objetiva a escuta das pessoas, a partir

de suas histórias e experiências vividas, ou seja, tornando familiares acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana.

A sessão sobre Comunicação Dissidente vai apresentar informações sobre o planejamento da Ocupação, protestos e atos que ajudaram a construir o movimento. O trecho sobre sociabilidade, resistências e interações sociais vai apresentar por meio de entrevistas o motivo pelo qual na concepção dos entrevistados; a Câmara foi ocupada e como se estabeleceu as sociabilidades e interações sociais. Por fim, as considerações finais devem fazer uma análise geral do movimento e responder a problemática do trabalho que gira em torno do sentido de resistência no enunciado dos participantes do movimento.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O trabalho de campo para este artigo foi materializado por meio da pesquisa narrativa, executada com membros da ocupação. O critério inicial para escolha dos entrevistados foram pessoas que vivenciaram o processo de Ocupação. Além disso, o pesquisador escolheu alguns requisitos, tais como: Ter participado das reuniões que foram realizadas dentro da câmara, ter participado de algum ato de protesto durante a ocupação e ter sido um membro ativo na manifestação.

A indagação foi conduzida através de um roteiro semiestruturado pelo pesquisador, mas as perguntas também foram abertas para absorver respostas mais profundas. Os encontros foram conduzidos no mês de dezembro de 2020. Foram 06 pessoas entrevistadas, dentro da faixa etária entre 28 e 44 anos de idade, com renda bruta que varia de 01 a 10 salários-mínimos, com grau de escolaridade entre ensino médio completo e pós-graduação em nível de mestrado completo.

O primeiro contato se deu por meio de WhatsApp, onde em uma conversa prévia foi estabelecido dia e hora para entrevista. Em virtude da pandemia da COVID-19, os entrevistados escolheram o local de execução da entrevista, em alguns casos foram feitas via google meet, plataforma de videoconferência, em outros casos foram realizadas presencialmente na residência dos interlocutores. As entrevistas foram gravadas e devidamente autorizadas pelos interlocutores.

A COMUNICAÇÃO DISSIDENTE

A dissidência no movimento da ocupação foi uma integração surgida a partir da junção de vários grupos, por meio de conversas e interações com pessoas que estavam presentes na sessão que discutiu o aumento do salário. No dia 23 de novembro de 2016, os vereadores de Abaetetuba tinham como uma das principais pautas daquele dia o aumento dos próprios salários, a medida também iria atingir os secretários municipais e o prefeito recém eleito, o aumento seria de quatro mil reais. A sessão foi interrompida por causa do protesto de pessoas que estavam presentes na votação e uma reunião foi realizada para discutir a articulação do movimento de ocupação, visto que havia poucas pessoas no local, então os primeiros membros começaram a discutir formas de mobilização e articulação. Gerlane Ferreira, 29 anos, relata como começou a indignação da sociedade civil que estava presente na Câmara naquele dia.

No momento em que os vereadores decidiram aumentar os próprios salários, eu estava presente na reunião, a partir do momento em que eles começaram a votar, um rapaz que estava do meu lado se levantou e começou a falar que o aumento era imoral, que era um absurdo.....Então, motivadas por essa fala e eu e minha amiga também nos levantamos, chegamos perto da mesa e começamos a gritar, a bater na mesa dos vereadores, a gente dizia que o aumento era imoral, frente a crise política e econômica que estávamos enfrentando. A partir daquele momento, a indignação passou a ser mais coletiva.(Gerlane Ferreira, auxiliar operacional, membro da sociedade civil, entrevista realizada em 08 de dezembro de 2020).

O protesto na Câmara de vereadores de Abaetetuba começou com um pequeno grupo. Poucas pessoas estavam presentes na votação, mas o grupo foi crescendo e a comunicação dissidente foi sendo estabelecida. Neste sentido, o ato trabalhou a comunicação dissidente, que na concepção de Wainberg (2017), visa o desafio do senso comum e afeta a opinião pública. Wainberg (apud TOMAM, 2017, p. 1) faz uma observação acerca dos grupos que podem compor uma dissidência:

O dissidente pode ser uma pessoa, um grupo, uma celebridade, um partido político, um movimento, um ativista, um intelectual, um religioso ou qualquer outro ator cuja ação pública ambicione alterar o clima de opinião vigente. A dissidência é uma interação que ocorre entre

falantes/atores e ouvintes/auditório de maneiras diversas.(WAINBERG apud TOMAM, 2017,p.1)

A comunicação dissidente construída pelo grupo que estava presente no primeiro dia de votação atingiu os vereadores, pois eles tiveram que interromper a reunião em virtude do protesto. Neste momento, a comunicação exerceu o papel de difundir a indignação para a sociedade civil do município de Abaetetuba. De acordo com a professora Jucimara Rodrigues, de 33 anos, as redes sociais também foram fundamentais para atingir outros públicos, que até então não sabiam o que estava ocorrendo na casa legislativa do município.

A Comunicação foi feita pelas redes sociais, a gente ganhou muita visibilidade... Nós fizemos uma faixa bem grande que dizia: „Câmara Ocupada! Contra o aumento salarial dos vereadores #12 mil eu não pago“ e colocamos na frente da Câmara dos vereadores. Essa faixa foi fotografada e muito compartilhada nas redes sociais. De madrugada algumas pessoas passavam na frente da câmara e roubavam a faixa, dias depois já conseguimos doações financeiras para produzir outra. Por meio de publicações no facebook, nós conseguimos muitas doações. Macarrão, arroz, feijão, açaí, pizza, água, refrigerante, produtos de limpeza, etc. Tudo chegava por meio de doações de pessoas que não estavam ocupando a Câmara, mas sensibilizaram-se com o movimento, graças ao alcance das redes sociais. (Jucimara Rodrigues, professora e membro da ocupação em entrevista realizada em 05 de dezembro de 2020).

Imagem 1 - Membros do movimento, no dia 23 de novembro de 2016, primeiro dia de ocupação na Câmara dos vereadores



Fonte: Membros da Ocupação (Nov., 2016)

A imagem 01 mostra um pequeno grupo reunido na frente da Câmara Legislativa de Abaetetuba, no primeiro dia da Ocupação. O grupo era formado por estudantes, professores, pedagogos, auxiliares de produção, etc. Muitos membros da Ocupação na Câmara já estavam participando de outras ocupações, pois naquele momento o país enfrentava uma grave crise política e econômica. Estudantes ocupavam universidades e escolas públicas no Brasil para protestar contra a PEC 241, que previa teto para gastos públicos na educação, projeto escola sem partido e a medida provisória do novo ensino médio.

Os autores Fernandes e Groppo (2018) relataram no livro “O movimento de ocupações no Brasil” a experiência da ocupação em alguns estados, como o Ceará, onde o descaso com as escolas públicas levou estudantes a permanecerem nas instituições de ensino até conseguirem uma resposta do governo estadual sobre reformas e outras exigências. Nessa ocupação a comunicação atingiu públicos que começaram a fornecer apoio ao movimento.

A luta dos estudantes, assim, mobilizou parceiros institucionais e da sociedade civil, provocando reação por parte da Secretaria de Educação (SEDUC), dando visibilidade a problemas estruturais do sistema educacional público do estado. Em resposta à pressão estudantil e com a pretensão de não se mostrarem omissos diante do levante secundarista que angariava crescente apoio popular e institucional, a Secretaria e o Governo do Ceará anunciaram mais investimentos em reformas e merenda escolar, além de empenharem as verbas federais disponíveis—justamente aquelas destacadas no documento do CEDECA Ceará. (Fernandes e Groupe, 2018, p.160)

A estudante Ana Carla Pimentel, de 29 anos, participou da Ocupação na Câmara dos Vereadores do início ao fim. Ela narrou um dos principais desafios para garantir a continuidade do movimento.

Nossa preocupação foi sustentar mais uma ocupação, pois em Abaetetuba já haviam duas. A ocupação do IFPA e da UFPA que estavam ocupando as universidades em virtude da PEC. Então, o número de pessoas ficou limitado. Esse era o grande entrave. Muitos abaetetubenses que costumam participar do movimento de ocupação já estavam participando de outros movimentos e isso foi um pouco desgastante. Mas aos poucos nós fomos ganhando visibilidade e conquistando apoio, como dos professores da rede pública, porque eles também compreendiam que o aumento era abusivo e que o contexto em que a gente se encontrava era difícil. (Ana Carla Pimentel,

estudante de doutorado e membro da ocupação em entrevista realizada no dia 02 de dezembro de 2020).

Imagem 02 - Membros do movimento em reunião de planejamento sobre o andamento da manifestação



Fonte: Membros da Ocupação (Nov., 2016)

Na imagem 02, os membros da Ocupação estão reunidos no lado externo da Câmara dos vereadores. Reuniões como essas eram realizadas quase que diariamente e geralmente contavam com o apoio de um advogado e promotor público que dava orientações jurídicas sobre o direcionamento que o movimento devia tomar. Em uma dessas reuniões os membros decidiram fazer um protesto no Círio de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município de Abaetetuba.

Os membros da ocupação seguravam cartazes que traziam os nomes dos vereadores que votaram a favor do aumento dos próprios salários. Enquanto a procissão passava, os cartazes eram exibidos, o que se configura como uma intervenção dissidente no meio da maior procissão religiosa da cidade de Abaetetuba. De acordo com Rose (2006, 2014, apud Wainberg 2017, p. 3) “Em suma, ao dissidente cabe a dura tarefa de pronunciar com seus gestos desviantes o indizível, mobilizar a opinião pública e romper a apatia”.

Na época da Ocupação, Flávia Santos, 28 anos, era pedagoga e estudante de direito. Ela conta como ocorreu o ato de protesto durante o Círio.

Quando a gente começou a planejar esse protesto no círio, alguns membros que são católicos, portanto, ligados à igreja acharam um desrespeito, mas por meio de diálogos nós conseguimos chegar num acordo. Foi uma manifestação visual, pois traziam informações importantes para a população de Abaetetuba. Os cartazes falavam pela gente. O nome dos

vereadores que votaram a favor do aumento dos próprios salários estavam nesses cartazes e todos podiam ver. Enquanto alguns membros seguravam esses cartazes, outros falavam ao microfone e explicavam a finalidade daquela ocupação, além de desejar a todos um feliz círio. Enfim, eram falas muito respeitadas para mostrar aos abaetetubenses que fé não é só oração, fé também é ação. (Flávia Santos, advogada e membro da ocupação em entrevista realizada no dia 18 de dezembro de 2020).

A professora Jucimara Rodrigues conta que após o protesto do Círio, algumas pessoas doaram maniçoba³ para os membros da Ocupação.

É tradição aqui em Abaetetuba também comer a maniçoba no almoço do Círio e nós recebemos doações de algumas famílias. Essa doação foi muito importante, pois mais uma vez mostrou que a sociedade civil estava participando da ocupação mesmo não estando lá. (Jucimara Rodrigues, professora e membro da ocupação em entrevista realizada em 05 de dezembro de 2020).

Imagem 03 - Membros do movimento da Ocupação segurando cartazes em frente à Câmara dos Vereadores, durante procissão do Círio de Nossa Senhora da Conceição.



Fonte: Membros da Ocupação (Nov., 2016)

³ Prato tradicional da culinária paraense, muito consumido no Círio de Nazaré, em Belém, e nos Círios do interior do estado.

Imagem 04 – Membros do movimento da Ocupação seguram cartazes em frente à Câmara dos Vereadores, após a passagem do Círio de Nossa Senhora da Conceição.



Fonte: Membros da Ocupação (Nov., 2016)

Na imagem 03, os manifestantes da Ocupação seguram cartazes com os nomes dos vereadores que votaram a favor do aumento dos salários no meio da procissão do Círio de Nossa Senhora da Conceição, na Avenida Dom Pedro II, uma das principais ruas da cidade de Abaetetuba. Na imagem 04, membros da Ocupação que participaram do protesto durante o círio se juntam para uma fotografia em frente à Câmara dos vereadores.

SOCIABILIDADES, RESISTÊNCIAS E INTERAÇÕES SOCIAIS NO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO

A Câmara dos vereadores de Abaetetuba foi ocupada por membros que tinham o sentimento de indignação coletiva e a partir dessa indignação e revolta, começou a ser estabelecida sociabilidades e interações sociais. Para Simmel (1983) “a sociedade existe onde quer que vários indivíduos entre em interação” (SIMMEL, 1983a, p. 59). E nas conversas e diálogos realizados dentro e fora da Câmara, os interesses em comum ficaram mais evidentes. O professor e sociólogo Miguel Neto Rodrigues Caripuna, 44 anos, define a Ocupação em Abaetetuba como um movimento popular que surgiu por um bem comum.

A ocupação foi um movimento de caráter popular que se originou a partir da indignação das pessoas, a partir do aumento dos subsídios dos agentes políticos: do prefeito, vereadores e secretários. Vivíamos um momento

em que se discutia a nível de Brasil a crise econômica, em virtude disso, a prefeitura apresentava discursivo de não investimento em virtude da crise que atingia o país, àquela altura os servidores municipais estavam há três anos sem reajuste salarial, então, a população se indignou, e o movimento foi ganhando dimensão, e as pessoas foram comparecendo, conversando, dialogando. Portanto, foi um movimento de caráter popular, que surgiu por meio da indignação das pessoas que foram se mobilizando para barrar o projeto, haja vista o abuso que havia daquela situação. (Miguel Neto Rodrigues Caripuna, sociólogo, professor e membro da ocupação em entrevista realizada no dia 28 de dezembro de 2020).

Segundo a professora Jucimara Rodrigues, os vereadores tentaram aprovar em outras sessões o aumento dos salários, mas a cada tentativa a população se fazia mais presente.

Em uma das sessões que se discutia o aumento dos proventos, os professores levaram os alunos para pressionar os vereadores da câmara, a gente mobilizou vários professores e lá resolvemos dar uma aula de cidadania para eles. Eles já estavam revoltados por conta das medidas do governo federal que previa corte de verbas para a educação, Então, eles começaram a gritar palavras de ordem dentro da Câmara: “Não tem dinheiro pra saúde e pra educação, mas tem dinheiro pra político ladrão”. Foi um momento muito importante, a juventude com certeza foi a protagonista daquele momento. (Jucimara Rodrigues, professora e membro da ocupação em entrevista realizada em 05 de dezembro de 2020).

Os 14 dias da Ocupação gerou uma aproximação entre membros. Os que dormiam na Câmara, passavam mais tempo juntos e tinham mais tempo para conversar sobre aquele movimento e outros assuntos. Logo, as relações sociais foram construídas e estabelecidas pelos membros e simpatizantes que passavam na Câmara para obter mais informações sobre a Ocupação. Forsé (1981) afirma que:

As relações que uma pessoa mantém com as outras são de diferentes tipos. Vão desde almoços em família até a adesão a uma associação, da escolha da pessoa a quem se recorre para tomar conta dos filhos ao bom-dia ao vizinho, passando pelo carteadado, o futebol ou a dança. Todas essas atividades implicam em graus diversos de relações com o outro, o que se chama [...] de relações de sociabilidade”. (FORSE, 1981, p.39)

A advogada Flávia Santos conta sobre as relações de amizade feitas durante a Ocupação:



Eu já conhecia algumas pessoas que estavam naquele movimento, porém me aproximei mais de alguns e fiz amigos ali naquele espaço, inclusive conheci meu esposo lá. Portanto, a Ocupação mudou minha vida pessoal e afetiva. Foi um momento de muito aprendizado e a gente aproveitou muito. (Flávia Santos, advogada e membro da ocupação em entrevista realizada no dia 18 de dezembro de 2020).

As interações sociais estabelecidas na Câmara, conforme citou a entrevistada Flávia Santos, ajudaram a sustentar o movimento, pois foi por meio dos discursos e diálogos que o movimento consolidou-se. “O fato central sobre as interações humanas, escreveu Asch, é que elas são acontecimentos, que elas estão psicologicamente representadas em cada um dos participantes” (Asch, 1952: 142).

A gente sai com um aprendizado pessoal muito grande, porque eram pessoas diferentes, de ideologias diferentes, mas que dialogavam por um bem comum. A gente aprendeu a conviver com o diferente. Algumas vezes era preciso puxar um pouco mais para organizar, porque se tivesse desorganizado o evento ia perder força. Algumas vezes, a gente se passava por chata, mas isso era preciso para garantir a continuidade da ocupação. (Flávia Santos, advogada e membro da ocupação, em entrevista realizada no dia 18 de dezembro de 2020).

O professor Jorge Fernando Lobato Sarges, 36 anos, também foi membro da ocupação, ele narra que a dinâmica da manifestação também se deu pela organização entre os membros.

A dinâmica que se deu durante as duas semanas foi bem intensa. Algumas pessoas ficaram todos os dias na Câmara, houve adesão voluntária e houve também uma dinâmica muito interessante: a de deixar o ato visível. Os protestos com os cartazes, as falas nas entrevistas dadas à imprensa, as faixas deixadas na frente da Câmara tudo isso foi bem organizado e deu um gás ao movimento, porque teve apoio externo. Eu me lembro que muitas entidades enviaram documento de apoio à Ocupação e isso foi muito importante. (Jorge Lobato Sarges, professor e membro da ocupação em entrevista realizada no dia 9 de dezembro de 2020).

Outra estratégia utilizada pelos membros da Ocupação para fortalecer a resistência e garantir a continuidade do movimento foram as culturais, saraus, aulas,

rodas de conversas e exposição de livros e revistas na câmara dos vereadores. Esses eventos promoveram interações sociais. Para Simmel (1983), “A sociedade existe onde quer que vários indivíduos entrem em interação”. (SIMMEL, 1983a, p. 59).

Segundo o professor Miguel Caripuna, o objetivo desses eventos ocorridos durante a Ocupação foi levar um pouco de descontração ao movimento.

Nós pensamos em estar proporcionando a ocupação, a possibilidade de conhecer a história política do município, também ter o entendimento da cultura, da arte, naquele processo. Às vezes essas coisas não são valorizadas, então a ideia foi levar livros, saraus, poesias no varal, música, voz e violão....Enfim, nossa tentativa foi a de colocar qualidade no movimento e a ideia era mostrar que a Ocupação também pode instrumentalizar as pessoas, bem como pode ser um espaço acolhedor. Imagina você chegar à Câmara e ver livros, poesias, música. Tudo isso desperta o interesse e ajuda a agregar valor ao movimento. (Miguel Neto Rodrigues Caripuna, sociólogo, professor e membro da ocupação em entrevista realizada no dia 28 de dezembro de 2020).

As interações sociais e sociabilidades ocorriam neste momento também, pois como afirmou o professor Miguel Caripuna, alguns curiosos que passavam em frente à câmara e viam poesias no varal, pessoas cantando e exposição de livros, acabavam interagindo com aquelas ações e isso aproximava o público externo do movimento.

Imagem 05 – Livros e revistas em exposição na Câmara dos vereadores em 2016



Fonte: Membros da Ocupação (Nov., 2016)

Na imagem 06, os livros e revistas estão sendo expostos na área interna da Câmara dos vereadores, público externo e participantes da Ocupação podiam ler o pequeno acervo disponível. A música também desempenhou o papel de entreter e levar um pouco de distração aos membros que estavam presentes naquela manifestação.

Como colocar Straw “(...) a música participa da política urbana na medida em que a sua ocupação dos lugares nas cidades molda (de maneira ora resistente, ora conivente) cartografias da divisão social, da desigualdade e da tolerância”. (2018, p. 323).

E após muitas intervenções culturais, conversas, reuniões e protestos, o grupo que começou a Ocupação conseguiu a anulação no dia 06 de dezembro de 2016, da sessão que aprovou o aumento do salário dos vereadores, secretários municipais e prefeito. O ato foi formalizado com a presidência da Câmara e pelo Juiz de direito da Comarca de Abaetetuba.

Segundo o professor Miguel Caripuna, um dos fatores que contribuíram para o sucesso do movimento, foi o fato da Ocupação promover muitos diálogos, principalmente com os participantes que dormiam na Câmara.

Todo dia havia uma reunião para avaliar o movimento e a condução dele e se buscava chegar num consenso. Não havia cacique político no Nosso movimento. Nessas ocupações é muito comum a figura do cacique, eles falam, dão coordenadas, mas não vivem de forma intensa, não dormem no chão, então não vivem a experiência. Logo, para evitar isso, nós fazíamos algumas reuniões antes de dormir para evitar a influência de quem não vivia totalmente a Ocupação. Outro destaque que faço também é o fato da Ocupação não ser um evento partidário, nenhum partido até hoje traz pra si, o protagonismo desse movimento..a dimensão da democracia, tem direcionamento de líderes, mas têm a compreensão pessoal do que é certo e do que é errado. Logo, a manifestação também serviu para termos mais autonomia política. Isso é importante para as pessoas não ficarem presas às ideologias de partidos ou políticos. Max weber fez muitas discussões sobre dominação...A dominação para ele é quando a pessoa, aceita ser dominada, legitima a dominação dos seus líderes”. Segundo Weber há três tipos de dominação. Dominação legal (pelas leis), Dominação tradição (tradição), carismática (pelo carisma, pela devoção...) ela pode nos ajudar a entender a relação política atual entre Lula e Bolsonaro..As ações e falhas de ambos os governos contribuem ou não para a minha garantia de direitos? (Miguel Neto Rodrigues Caripuna, sociólogo, professor e membro da ocupação em entrevista realizada no dia 28 de dezembro de 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou por meio de entrevistas narrativas, compreender o sentido de resistência no enunciado dos membros da Ocupação. Neste sentido, contactou-se que a resistência foi construída e fortalecida durante todo o movimento e de diversas formas.

Os participantes estabeleceram a comunicação dissidente durante os 14 dias da manifestação, pois através das falas nas reuniões, entrevistas fornecidas à imprensa, faixas e cartazes e, até, nas intervenções culturais, os manifestantes contestaram a decisão da casa legislativa do município de Abaetetuba. Essa contestação provou, de fato, que o poder emana do povo, e que a sociedade civil pode ter vez e voz na câmara municipal.

As divulgações nas redes sociais e grupos de WhatsApp também foram essenciais para dar mais visibilidade ao movimento. Por exemplo, as atividades realizadas na Câmara e os rumos que o movimento iria tomar, eram postados com frequência nas redes, e assim muitas pessoas foram sendo informadas sobre o que se passava na Câmara e, conseqüentemente, essas informações despertavam nas pessoas empatia, pois surgiam muitas doações anônimas, a professora Jucimara Rodrigues contou em entrevista, que o movimento recebeu uma caixa de frango congelado, e até hoje, ninguém sabe dizer de onde surgiu aquela doação.

As sociabilidades e interações sociais estabelecidas durante o movimento ajudaram a dar sentido à resistência. O movimento reuniu pessoas diferentes, muitos não se conheciam, nunca haviam interagido entre si e por meio de um interesse coletivo elas começaram a socializar e trocar ideias. Neste sentido, a Ocupação foi um ato que promoveu amizades. Os participantes tiveram a oportunidade de conhecer a história de luta de membros que já possuíam uma trajetória de participação em manifestações e protestos na cidade de Abaetetuba.

Portanto, a Ocupação marcou a história de luta e resistência no município de Abaetetuba, o ato ganhou grande repercussão e tornou-se notícia na imprensa paraense como o Diário do Pará e TV Liberal.

Nas entrevistas narrativas realizadas é perceptível o orgulho que os membros têm em ter participado de uma manifestação que deu voz ao povo de Abaetetuba. As declarações dadas convergem na opinião de que a Ocupação continua viva. Hoje, existe um grupo de

WhatsApp intitulado “Ocupa Cabanagem”, com alguns membros que participaram da manifestação em 2016. E eles continuam atentos aos projetos de lei que perpassam na Câmara Municipal. É válido ressaltar, também, que até o término deste artigo, em janeiro de 2021, a casa legislativa de Abaetetuba não apresentou nenhuma proposta de aumento de subsídios de vereadores, secretários e prefeita, o que comprova que a Ocupação de 2016 ainda produz efeitos.

REFERÊNCIAS

- ASCH, S. (1952). *Social Psychology*. Englewood Cliffs, N.J.: PrenticeHall.
- CONALGO, Camila Khroling. Mídias e redes sociais digitais: conceitos e práticas. In: BUENO, Wilson da Costa (Org.). *Estratégias de comunicação nas mídias sociais*. Barueri: Manole, 2015. p. 3-8.
- FORSÉ, Michel. La sociabilité. *Economie et statistique*, n. 132, p. 39-48. 1981.
- FRANÇA, V. R. V. Paradigmas da comunicação: Conhecer o quê? In: X Encontro da
- GROPPO, L. A. Novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil. In: COSTA, A. A. F.; GROppo, L. A. (Orgs.).
- Movimento de ocupações estudantis no Brasil. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018a. p. 85-117.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 90-113.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007
- RODRIGUES, A. D. (2018) – A natureza etnometodológica do senso comum, in Castro.
- SIMMEL, Georg. O problema da Sociologia. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org). *Sociologia*. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli. São Paulo: Ática, 1983a. p. 59-78.
- SODRÉ, M. A organização do comum. In: _____. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SODRÉ, Muniz. *Reiventando a Cultura: A comunicação e seus produtos*, Rio de Janeiro, 1998.
- STRAW, Will. *Urbanização da política musical: cidades e cultura da noite*. In: FERNANDES, Cintia San Martim, e HERSCHMANN, Micael (Org.). *Cidades Musicais*. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2018.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Wainberg, J. A. (2017). A comunicação dissidente e os atos que falam. Revista FAMECOS, 24 (1), ID23589. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2017.1.23589>.